

Leite tem quinto  
aumento consecutivo  
em MG e RS

Preço de antibiótico  
pecuária aumenta  
em MG

Edição 39 - Agosto de 2016

## Preço do leite tem forte alta, mas poder de compra frente ao concentrado cai em Minas Gerais e no Rio Grande do Sul

Wagner H. Yanaguizawa, Analista de mercado – Cepea/Esalq-USP

O indicador mensal do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea), da Esalq/USP, em parceria com a Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), dos preços recebidos pelo produtor registrou o quinto aumento consecutivo em Minas Gerais e no Rio Grande do Sul, os dois maiores estados produtores de leite do Brasil. Em 2016, as elevações nos valores do leite são de 15,5% no estado mineiro e de 16,5% no sul-rio-grandense. A evolução dessas cotações, no entanto, foi inferior à observada nos concentrados (18% PB, 20% PB e de 22% PB) nos dois estados. Nesse cenário, houve redução do poder de compra do pecuarista.

Os preços dos concentrados para alimentação dos rebanhos leiteiros, compostos basicamente por milho e farelo de soja, têm preocupado os pecuaristas nos últimos meses. Com o dólar em alto patamar, as exportações de milho foram impulsionadas entre o final de 2015 e o primeiro trimestre deste ano, cenário que enxugou a oferta doméstica e, conseqüentemente, elevou o preço interno do cereal a níveis recordes, conforme série de preço do Cepea.

Quanto ao farelo, os valores também registraram expressivas altas, especialmente em maio, influenciados pelas maiores demandas doméstica e internacional. A forte quebra na produção na Argentina e o conseqüente menor processamento do grão naquele país deslocaram compradores de soja para os outros dois principais países produtores do grão, Estados Unidos e Brasil.

Tanto em Minas Gerais quanto no Rio

Grande do Sul, os concentrados, representados por milho e farelo de soja, formam o grupo de maior parcela nos custos operacionais efetivos (COE). Em Minas Gerais, o item concentrado representa 45,9% do COE e no Rio Grande do Sul, 35,1%. Nesse sentido, quando ocorrem aumentos nos preços destes insumos, muitos produtores ficam desestimulados e, diversas vezes, passam a investir menos na atividade, o que resulta em queda da produção e redução na produtividade do rebanho.

Analisando-se os preços médios mensais entre maio do ano passado e maio de 2016, a saca de milho no Triângulo Mineiro (MG) se valorizou significativamente 66,9%, em termos reais (valores deflacionados pelo IPCA de maio/16), fechando a R\$ 45,91/sc em maio/16. Apenas neste ano, a alta acumulada já chega a 43,2%. No Rio Grande do Sul, na região de Passo Fundo, o valor da saca de milho subiu 78,8% em 13 meses, atingindo R\$ 49,24 a saca. No acumulado de 2016, a elevação foi de 44,6%.

Com relação ao farelo de soja, entre maio do ano passado e o mesmo mês de 2016, a tonelada do farelo de soja no Triângulo Mineiro acumulou aumento de 20,4% em valores reais, com a média a R\$ 1.292,75 em maio deste ano. Em 2016, o aumento é de quase 4% na região mineira. Em Passo Fundo, nos últimos 13 meses, o farelo de soja apresentou valorização de 6,6%, fechando a R\$ 1.254,73/t em maio, com variação positiva de 1,5% neste ano.

Diante disso, nas propriedades típicas do Rio Grande do Sul, os concentrados acumularam alta de 24,1% entre maio de 2015 e maio de 2016, a maior elevação

entre os grupos de custo, bem a frente dos aumentos com mão de obra (9,92%) e suplementação mineral (9,41%). Com esses aumentos, o COE registrou alta de 8,21% no estado em 13 meses. Em Minas Gerais, os concentrados acumularam alta de 15,9% no mesmo período, atrás apenas da suplementação mineral (23,5%). Com isso, o COE subiu 9,15% de maio do ano passado a maio de 2016.

Quanto ao preço recebido pelo produtor, em Minas Gerais, o aumento no período compreendido entre maio do ano passado e maio de 2016 foi de 20,9%, percentual, portanto, superior ao do COE. No Rio Grande do Sul, a valorização acumulada do leite foi de 18,8%, também maior que a do COE no mesmo intervalo.

No geral, o preço do leite vem se recuperando desde o início de 2016, influenciado pela baixa produção. Mesmo em período considerado de safra leiteira, a produção foi pequena, cenário que dificultou o aumento de estoques por parte das indústrias e elevou a concorrência no campo pela matéria-prima. Assim, os preços médios líquidos recebidos pelos produtores de Minas Gerais e do Rio Grande do Sul, em maio, foram de R\$ 1,19/litro e R\$ 1,08/litro, respectivamente. A "média Brasil" (que pondera o valor pelo volume captado nos estados de BA, GO, MG, PR, RS, SC e SP) foi de R\$ 1,1571/litro, em maio.

Para analisar a evolução do poder de compra do pecuarista no mesmo período, o Cepea/CNA considerou os preços dos concentrados de 18% PB, 20% PB e 22% PB e os valores médios líquidos do leite de MG e RS.

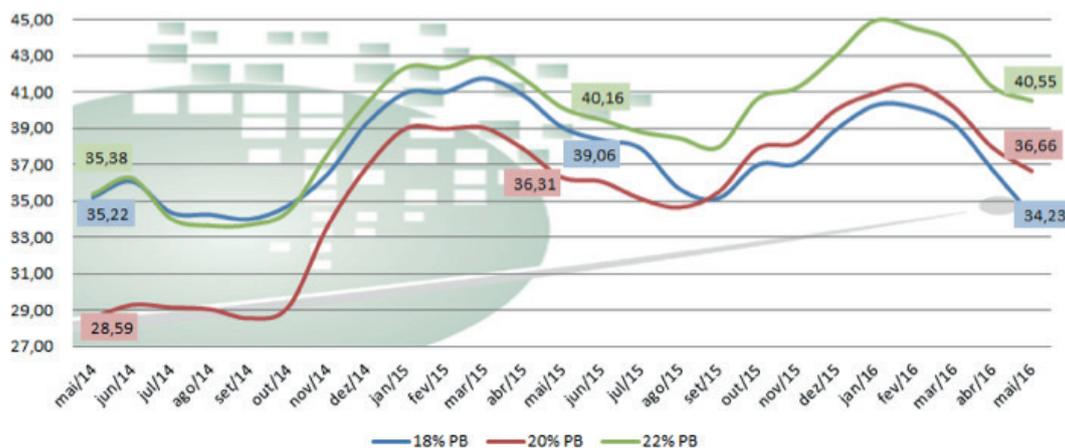


Figura 1 – Relação de troca dos concentrados de 18%, 20% e 22% de proteína bruta (PB) com o preço do leite recebido pelo produtor em Minas Gerais. | Fonte: Cepea/CNA.

Em maio deste ano, o produtor mineiro precisou de 40,5 litros de leite para adquirir uma saca de 40 quilos de concentrado de 22% PB, quantidade superior em 0,9% quando comparado a maio do ano passado. Para o concentrado de 20%, por

sua vez, foram necessários 36,7 litros de leite para a aquisição de uma saca do insumo, 1% a mais que em maio de 2015 e 28,2% acima da quantidade precisa em maio de 2014, de 28,6 litros de leite. O concentrado de 18% PB foi o único que

registrou melhora ao produtor mineiro na relação; em maio deste ano, foram necessários 34,2 litros de leite para a compra de uma saca do insumo, 12,4% menos que em maio de 2015, de 39,1 litros (Figura 1).

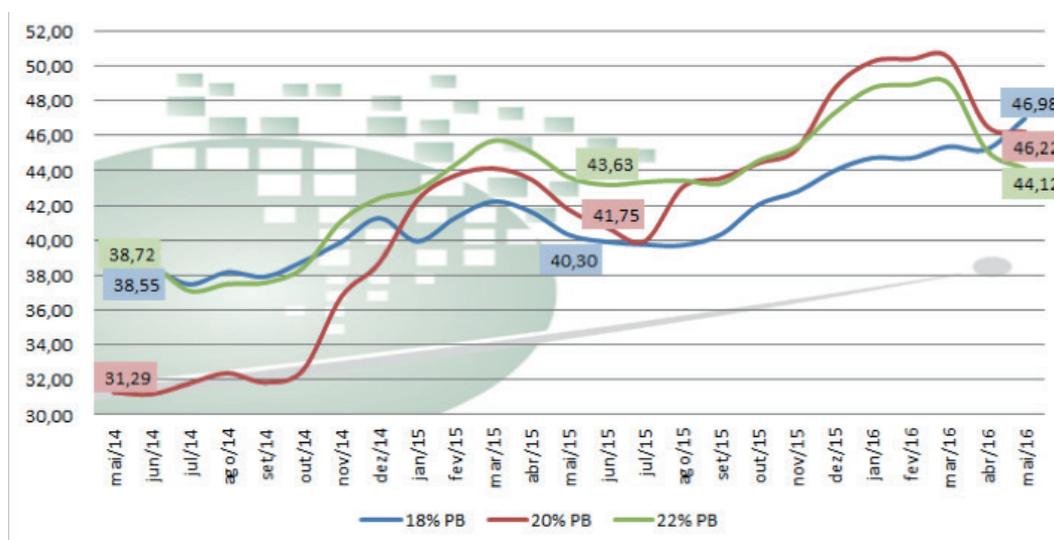


Figura 2 – Relação de troca dos concentrados de 18%, 20% e 22% de proteína bruta (PB) com o preço do leite recebido pelo produtor no Rio Grande do Sul. | Fonte: Cepea/CNA

No Rio Grande do Sul, o produtor precisou de 44,1 litros para a aquisição de uma saca de 40 kg de concentrado 22% PB, 1,1% a mais em relação ao mesmo período de 2015. Para o concentrado de 20% PB, a quantidade de leite se eleva para 46,2 litros para aquisição de uma saca, volume 10,7% superior ao necessário em maio do ano passado, 47,7% acima do valor praticado em maio de 2014, de 31,3 litros. Quanto ao concentrado de 18% PB, o produtor precisou de 47 litros de leite para adquirir uma saca do insumo, 16,6% mais que em maio de 2015 (Figura 2).

Analisando a receita das propriedades modais pesquisadas pelo Cepea no Triângulo Mineiro e em Passo Fundo (RS), sob a ótica da evolução do preço recebido pelo produtor nos últimos meses, os principais fatores que impactaram diretamente nos preços foram as baixas ofertas de matéria prima, devido à crise econômica, as condições climáticas e a migração de produtores de leite para a pecuária de corte. Ou seja, o consumidor final teve o seu poder de compra reduzido, e este fato afetou a demanda pelos produtos lácteos, principalmente queijos, iogurtes e manteiga.

Porém, com o início do período da entressafra de produção a questão da oferta se agravou, e hoje, a demanda tem sido limitada pela baixa oferta.

Sendo assim, com a diminuição do poder de compra dos produtores em ambos os estados analisados, surgiram alternativas para amenizar os custos com a alimentação do rebanho. O sorgo, por exemplo, pode ser utilizado na forma de silagem ou até substituir parte do milho na formulação dos concentrados. Outra opção de suplemento, a polpa cítrica,

pode ser utilizada como componente da dieta dos animais sem diminuir sua densidade energética. Há ainda o resíduo de cervejaria, que, dependendo do teor de matéria seca, é utilizado como ótima fonte proteica.

De uso bastante difundido, o caroço de algodão é alternativa interessante para o produtor. Isso porque contém nutrientes suficientes para substituir tanto parte do volumoso como do concentrado na dieta do rebanho. Por último a ureia, que,

apesar de não ser uma fonte de proteína verdadeira, é alternativa para substituir o farelo de soja. Trabalhando com níveis adequados de inclusão, o produtor consegue até melhorar o desempenho de seus animais.

## Aumento de 1% no custo do concentrado em São Paulo eleva o COE em 0,42%

Por Wagner H. Yanaguizawa e Natália Salaro Grigol, Analistas de mercado – Cepea/Esalq-USP

A compra do concentrado é o custo que mais onera a atividade leiteira no Brasil. Pesquisas do Cepea indicam que os gastos com a compra do insumo representam 38% dos custos operacionais efetivos (COE) do produtor de leite do estado de São Paulo no primeiro semestre de 2016. Ademais, análises do Cepea mostram que o choque de aumento de 1% no custo do concentrado reflete em elevação de 0,42% do COE das propriedades modais paulistas – compostas pelas bacias leiteiras de Fernandópolis, Mococa e Guaratinguetá.

Isso significa que acompanhar o mercado de grãos e decidir estrategicamente a compra do concentrado é essencial para a rentabilidade da atividade, tendo em vista que a formação do preço do leite pago ao produtor foge ao controle do pecuarista. Pesquisadores do Cepea afirmam que a valorização das cotações do milho e da soja deve se manter no curto prazo, uma vez que há possibilidade de queda na produção da segunda safra de ambos os grãos.

Buscando antever o possível impacto dos gastos com o concentrado na margem do produtor nos próximos 60 dias (agosto), foram estabelecidos três cenários hipotéticos para uma análise de sensibilidade. No primeiro, em um cenário otimista, haveria estabilidade nos preços do concentrado com relação ao último fechamento referente ao mês de junho. No segundo, a valorização das cotações seria de 10%. E, no terceiro, cenário, mais pessimista, a alta chegaria a

20%. Para o cálculo foi considerado que os demais custos com a atividade permanecerão estáveis no período.

A estimativa da receita que seria obtida com a venda do leite em agosto foi feita com base na expectativa dos agentes entrevistados pelo Cepea na última coleta de dados do indicador do leite pago ao produtor. Segundo os colaboradores, para agosto, espera-se que o preço líquido (sem frete e sem impostos) recebido pelo produtor paulista aumente R\$0,11, diante do preço de junho, chegando a R\$1,40/litro. A alta se justifica pela continuidade do período de entressafra no campo, fator que tem limitado a oferta do leite. Além disso, os altos custos de produção, em ascensão desde meados do ano passado, têm desestimulado a produção, levando muitos pecuaristas a diminuir os investimentos ou até mesmo sair da atividade.

Os resultados mostram que, em um cenário de estabilidade dos preços do concentrado, o custo de produção de um litro de leite no estado de São Paulo ficaria em R\$0,85/litro. Haveria, nesta hipótese, um incremento de 25,1% na margem bruta (receita subtraída do COE) do produtor paulista (Gráfico 1). Já na simulação que prevê aumento de 10% nos gastos com o concentrado, o custo de produção seria de R\$0,88/litro, alta de 3,6% em relação a junho. Nesse cenário, a margem bruta teria acréscimo de 16,9% (Gráfico 2). No terceiro cenário, de alta de 20% na cotação

do insumo, o custo de produção atingiria R\$0,91/litro, 7,3% maior que em junho, enquanto a elevação da margem chegaria a 8,6% (Gráfico 3).

Os dados mostram que, ainda que os custos de produção estejam em patamares elevados, o aumento da receita obtida com a venda do leite é superior aos custos operacionais, o que possibilita a atividade leiteira nas propriedades modais paulistas no curto prazo, até mesmo no cenário mais pessimista. Isso significa que, apesar das dificuldades do atual panorama da cadeia láctea, existem possibilidades de ganhos, principalmente para os pecuaristas que planejaram antecipadamente a compra de insumos e fizeram investimentos para o aumento da produção.

Devemos considerar, contudo, que esta análise não cobre os dispêndios com depreciação e pró-labore, que indicam a viabilidade econômica, no médio e longo prazo. Se adicionadas essas variáveis, em nenhum dos cenários a receita cobriria os custos. Ou seja, a garantia da lucratividade depende do gerenciamento estratégico da propriedade, fator que precisa ser melhorado nas fazendas típicas paulistas amostradas. É necessário que o produtor conheça e tenha o controle de seus custos de produção para fazer um diagnóstico da atividade. Só assim é possível ao pecuarista estar atento às oscilações do presente e ter tempo hábil para reorganizar o seu planejamento de médio-longo prazo.

### Cenário Otimista



Gráfico 1 – Simulação do COE e da Receita num cenário de estabilidade de preços dos concentrados para agosto/16. Base 100 = dezembro/2015. Fonte: Cepea/CNA

## Cenário Moderado

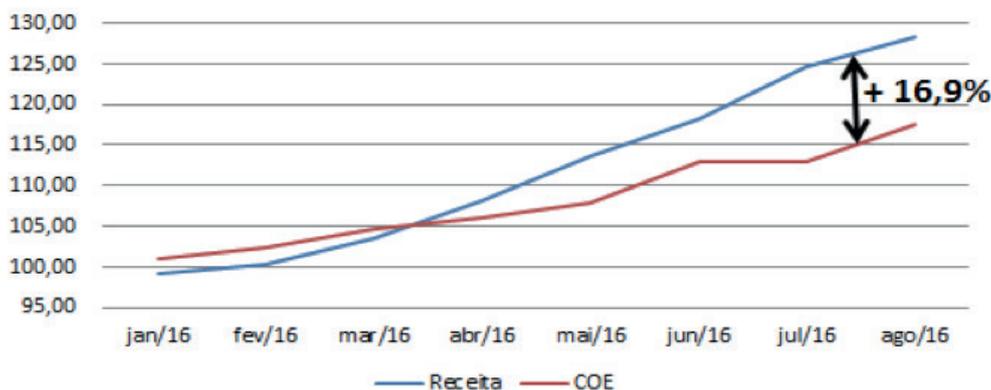


Gráfico 2 – Simulação do COE e da Receita num cenário de aumento de 10% nos preços dos concentrados para agosto/16. Base 100 = dezembro/2015.

Fonte: Cepea/CNA

## Cenário Pessimista

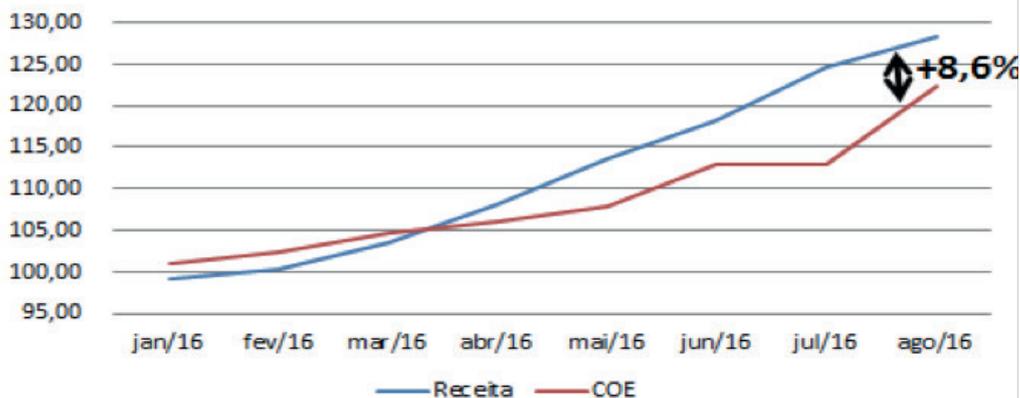


Gráfico 3 – Simulação do COE e da Receita num cenário de aumento de 20% nos preços dos concentrados para agosto/16. Base 100 = dezembro/2015.

Fonte: Cepea/CNA

## Em um ano, preço de antibiótico em Minas Gerais aumenta 15%

Por Ana Paula Negri, Analista de mercado – Cepea/Esalq-USP

A produção leiteira tecnificada e eficiente é dependente de um manejo de rebanho correto e, nesse sentido, a garantia da sanidade animal é fundamental. Com uma ampla gama de medicamentos voltados para a pecuária leiteira, o produtor deve estar atento ao uso racional de cada um deles, pois não há espaço para gastos desnecessários em uma atividade que é baliçada por centavos.

Segundo dados coletados em maio deste ano, por meio do projeto Campo Futuro, parceria entre o Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea) da Esalq/USP e a Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), o gasto com a cesta de medicamentos uti-

lizados na atividade leiteira representou 3,8% do COE das propriedades típicas de Minas Gerais. Apesar da pequena representatividade nos custos, estes gastos têm se elevado fortemente. Entre maio do ano passado e maio de 2016, o somatório dos preços dos medicamentos mais utilizados registrou expressiva alta de 55,4% em termos reais (valores atualizados pelo IGP-DI).

Entre os medicamentos, os que mais impactam os custos de produção são os antibióticos. De abril para maio deste ano, o antibiótico oxitetraciclina foi o medicamento que registrou a maior alta no preço, 3,41%. Quando analisamos em um espaço de tempo maior, comparando

maio de 2015 com maio de 2016, o aumento foi de 15%.

A oxitetraciclina é um dos antibióticos mais utilizados em uma propriedade leiteira. Ela é empregada no tratamento de várias doenças corriqueiras, de pneumonias a mastites, passando por podridões de casco e retenções de placenta, o que a torna essencial para a atividade. Nesse sentido, os gastos com este medicamento devem ser contabilizados, já que o mau gerenciamento da propriedade e despesas desnecessárias podem levar à diminuição da margem de lucro do produtor.

Em maio deste ano foram necessários 13,5 litros de leite para aquisição de um

frasco de 50 ml do antibiótico, enquanto em maio de 2015 foram 14,9 litros de leite para comprar a mesma quantidade deste medicamento. Este ganho no poder de compra se deu pelo fato de que, em 2016, os preços pagos ao produtor vêm passando por sucessivas altas, estando atualmente 30% mais caros, quando se compara o mesmo intervalo. Além disso,

em 2015, o antibiótico era negociado a valores abaixo dos atuais.

Em um cenário de escassez generalizada em todo território nacional, há expectativa de continuidade no aumento do preço do leite pago ao produtor nos próximos meses. Contudo, o aumento da receita não significa garantia de margens posi-

vas ao produtor, uma vez que os custos de produção devem se manter em patamares elevados. Assim, é necessário que o produtor fique atento em relação a detalhes capazes de provocar impacto no manejo e nas condições sanitárias de seu rebanho, visando aumentar a eficiência do uso desse tipo de medicamentos com o menor custo possível.

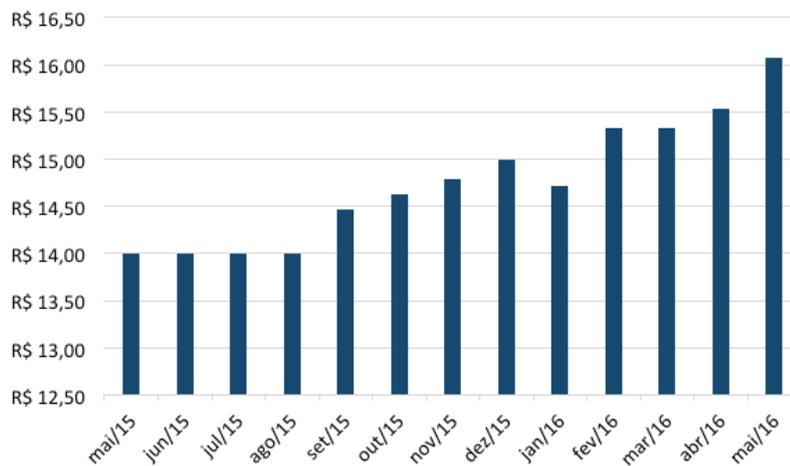


Gráfico 1 – Evolução dos preços do antibiótico oxitetraciclina de maio/2015 a maio/2016 em Minas Gerais.  
Fonte: Cepea/CNA

## Leite UHT atinge recorde e acumula expressivos 49,85% de alta em um ano

Por Natália Salaro Grigol, Analista de mercado – Cepea/Esalq-USP

Em junho, o preço médio do leite UHT negociado no mercado atacadista do estado de São Paulo atingiu R\$ 3,65/litro, recorde real da série histórica do Cepea iniciada em março de 2010. A alta foi de 23,67% em relação a maio (valores deflacionados com o IPCA de junho deste ano). O acompanhamento diário das negociações do lácteo - realizado com o apoio financeiro da Organização das Cooperativas Brasileiras – (OCB) demonstrou constante valorização dos preços do leite UHT em 12 meses, acumulando alta de 49,85%. O aumento dos preços ocorreu devido à menor oferta do produto, limitada pela diminuição generalizada da produção de matéria-prima.

Para se ter ideia, de janeiro a maio de 2016, o Índice de Captação de Leite do Cepea (ICAP-L/Cepea) recuou 19,7%. Como consequência, em junho último, o preço do leite recebido pelo produtor também atingiu o valor recorde de R\$ 1,2123/l, 17,6% superior ao mesmo período de 2015 (valores deflacionados pelo IPCA de junho). Para julho, 97,8% dos agentes entrevistados pelo Cepea acreditam em novas altas do preço recebido

pelo produtor, enquanto apenas 2,2% esperam estabilidade. Nenhum dos colaboradores consultados estima queda nos valores para o próximo mês.

Segundo agentes do setor, a tendência alista, tanto no campo quanto no atacado, deve se manter no curto prazo. Enquanto a produção enfrenta altos patamares de custos no período de entressafra, as empresas de laticínios têm gasto mais na aquisição da matéria-prima. Com a procura superior à oferta, cria-se a falsa impressão de aquecimento de consumo, quando, na verdade, a procura por lácteos continua enfraquecida em virtude da redução do poder de compra do brasileiro.

Este cenário reforça a produção de leite UHT, já que este é o lácteo mais consumido do País e sua demanda é a menos afetada em consequência de quedas na renda do consumidor. Dessa forma, muitas indústrias privilegiaram a produção deste lácteo em detrimento de outros produtos de maior elasticidade-renda (como queijos e iogurtes), como estratégia para garantir margem de lucro.

Dados do SimLeite (Sistema de Monitoramento do Mercado de Leite), pesquisa desenvolvida pelo Cepea, em parceria com a OCB e a Embrapa Gado de Leite, comprovam a mudança no perfil do processamento dos lácteos das cooperativas participantes. De abril para maio, o volume de produção do leite UHT cresceu 26,5%. Ao mesmo tempo, houve redução no processamento de manteiga (-1,1%), leite em pó (-1,8%), queijo muçarela (-16,4%) e queijo prato (-43,6%).

Mesmo com o aumento do volume processado de leite UHT, a disponibilidade do produto nas prateleiras não foi suficiente para pressionar as cotações. Diante dos altos patamares de preços, alguns consumidores já estariam inclusive migrando para o leite pasteurizado (leite de “saquinho”), tradicionalmente mais barato. De abril para maio, o volume processado de leite pasteurizado das cooperativas do SimLeite aumentou em expressivos 69,1%. Esse movimento só não é maior devido a algumas promoções que ocorrem pontualmente durante o mês para garantir fluidez de vendas.

Segundo estimativas da Associação Brasileira da Indústria de Leite Longa Vida (ABVL), o consumo de leite UHT representa mais de 78% do consumo de leite fluido no País. Por conta dessa alta repre-

sentatividade, existe uma forte correlação entre o movimento dos preços do UHT e o dos valores recebidos pelo produtor. Atualmente, essa correlação está em 0,92 (Gráfico 1). Por conta dessas característi-

cas, as movimentações de preço e consumo observadas na comercialização deste lácteo podem ser utilizadas como ferramenta para entender e prever situações nos elos a montante.

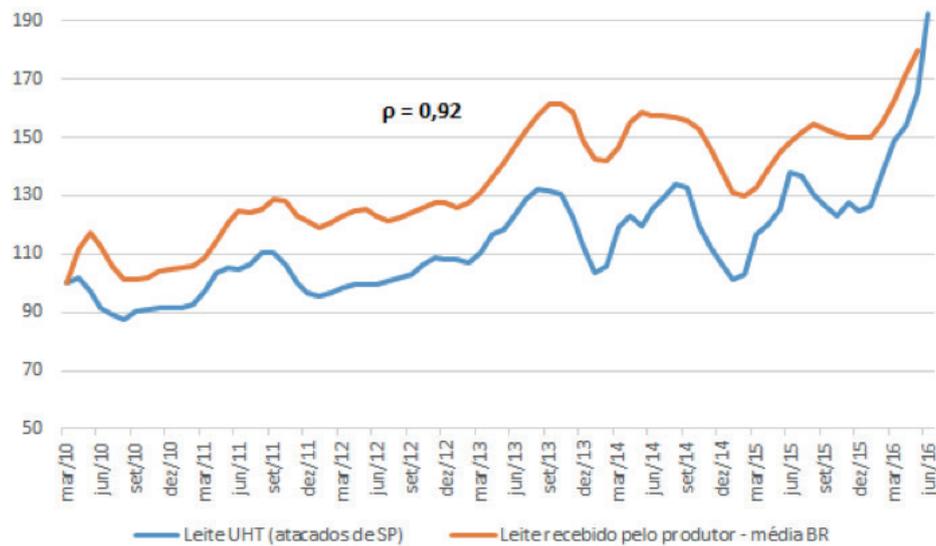


Gráfico 1 – Correlação entre o indicador de preço recebido pelo produtor (média Brasil, compreende estados de MG, SP, GO, BA, PR, SC e RS) e o indicador diário de preços do leite UHT negociado no mercado atacadista do estado de São Paulo (Base 100, mar/2010).

Fonte: Cepea/OCB.